

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL EM ESPAÇO NÃO ESCOLAR

¹Maria Clara Ligiéro Chehin (bolsista IC); ²Maria Elena Viana Souza (orientadora)

1 – Escola de Educação; Centro de Ciências Humanas; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

2 – Departamento de Didática; Escola de Educação; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Apoio Financeiro: UNIRIO

Palavras-chave: Educação étnico-racial; Raça; Racismo

INTRODUÇÃO

A princípio esta pesquisa visava abordar a educação étnico- racial nas escolas públicas do Rio De Janeiro, porém, acabei realizando este trabalho em ONG (Organização Não Governamental) para crianças superdotadas de baixa renda, chamada Instituto Lecca, localizada na Lapa, município do Rio de Janeiro . É uma ONG que visa desenvolver não somente a parte cognitiva dos alunos, mas também o desenvolvimento emocional e moral das crianças, daí o meu interesse em fazer essa pesquisa com esse grupo, tendo sido relevante investigar como as práticas de discriminação racial, preconceito e racismo estão inseridos no cotidiano deles.

OBJETIVO

O objetivo deste trabalho foi realizar uma intervenção pedagógica em três turmas desse Instituto sobre discriminação racial e, a partir da análise dessa experiência, apontar caminhos para uma educação que respeite a diversidade étnico-racial, fazendo refletir sobre qual a melhor forma de questionar esse assunto tão importante com essas crianças. Segundo Campos (2007), “ao nascermos, somos introduzidos em determinado sistema social. Não nascemos preconceituosos, discriminadores, religiosos, justos, desiguais ou com outro atributo qualquer, mas nos tornamos, no decorrer de nossas vidas, preconceituosos, discriminadores, ateus, injustos.” (p. 85) Diante disso e de muitas outras questões debatidas nos encontros com o grupo de pesquisa GEPEER (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Étnico-Racial), através de diferentes visões de diferentes autores, percebo a necessidade de abordar essa temática nas escolas ou em qualquer ambiente educativo, afinal, não estamos imunes a esse preconceito, pois, muitas vezes, sem perceber ou saber que somos, acabamos nos tornando preconceituosos. Enfim, a partir desses encontros e debates, tive como objetivo discutir com as crianças dessa ONG de que forma o negro brasileiro está inserido em tudo que vivemos e assistimos, seja na escola, no bairro onde mora, na mídia, ou meios de comunicação.

METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado por meio de aplicação de questionário para os alunos, conversas e apresentações de materiais de cultura africana como livros e contos. Percebeu-se que trabalhar os conceitos de discriminação e preconceito foi importante, mas é preciso associar estes a exemplos do cotidiano, ultrapassando-se, assim, o viés dos apelidos, muito enfatizado pelas crianças e tentando mostrar que a discriminação racial gera desigualdades. Constatou-se a importância de partir das experiências vivenciadas pelas crianças, pois, a partir do discurso, elas colocaram suas concepções, suas vivências e se posicionaram sobre o assunto. Com a realização deste trabalho compreendeu-se que é possível trabalhar sobre o racismo com atividades diversificadas, desde que alguns eixos temáticos não deixem de ser abordados tais como, identidade étnico-racial, história da África, os africanos no Brasil e o que é preconceito e discriminação racial no contexto brasileiro e mundial.

RESULTADOS

A partir desse trabalho feito com os alunos, percebeu-se que o negro é visto de forma negativa perante suas visões e no que estamos acostumados a assistir no cotidiano. As crianças conseguiram enxergar essa forma negativa em que o negro é visto no Brasil, falando sobre apelidos e discriminações que eles presenciavam e até mesmo como o negro está inserido na televisão ou na mídia. Durante as conversas, todos trouxeram uma cena ou um ato de discriminação já presenciado ou assistido pelos mesmos. O mais preocupante é que eles mesmo julgando essas atitudes como não corretas, os mesmos mostraram discriminação com a sua própria raça no decorrer das atividades e classificação. Das 48 crianças entrevistadas, nenhuma se classificou como preto, a partir da classificação do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), enquanto que eu classificaria seis, nessa cor. Eles se classificaram pardos e um dos alunos se colocou contra o termo usado pelo IBGE - a palavra “preto”. O aluno disse que se classificaria como negro, mas não preto. Neste caso, o termo usado o influenciou para ele se classificar e isso me deixou curiosa quanto ao fato de como trabalhar com eles. Expliquei que esse era um termo usado pelo IBGE, mas que na sociedade poderíamos usar ambas nomenclaturas, e preferi, a partir de então, trabalhar com eles quanto à raça e suas descendências e ver se depois de abordar essas questões, eles se classificariam de uma outra forma, ou até mesmo se aceitariam. Segundo Quijano (2009), “a história da construção da ‘cor’ nas relações sociais ainda está, certamente, por ser feita. Não obstante, existem suficientes indícios históricos para que possamos assinalar que a associação entre ‘raça’ e ‘cor’ é tardia e tortuosa. A ideia de ‘cor’ é anterior e não tem originalmente uma conotação ‘racial’. A primeira ‘raça’ são os índios e não há documentação alguma que indique a associação da categoria ‘índio’ com a categoria ‘cor’. [...] As primeiras pessoas dominadas, a que os europeus aplicam a ideia de ‘cor’, não são, sem dúvida, os ‘índios’. São os escravos sequestrados e negociados desde do que agora se conhece como África, e aos quais se chamará ‘negros’.” (p. 47) Em suma, após muitas conversas, debates, e apresentações de como a cultura africana está inserida na

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

nossa cultura, pude perceber uma melhor aceitação depois entre eles. A ajuda das teorias dos autores trabalhados na pesquisa junto aos debates nos encontros, foram fundamentais para minhas argumentações e em como lidar e trabalhar esse tema com os alunos. E, muitos, depois se assumiram como afrodescendente. Segundo Campos (2007), “ser afrodescendente é assumir a luta do outro como se fosse defender a sua própria existência”(p.106) E foi isso que tentei todo o tempo construir com eles.

CONCLUSÃO

Por fim, o trabalho com este tema me colocou diante do compromisso que cada um de nós tem em assumir a luta pela igualdade racial, pois como diz Paulo Freire (2007), pensar certo é a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação e isso só é possível quando não nos omitimos e fazemos da sala de aula um campo de pesquisa. [idem] Acredito que estes estudos sobre como abordar a questão racial, contribuíram para o meu conhecimento com os alunos, acerca da educação étnico-racial no Brasil, de forma a melhorar o cotidiano para essas crianças, principalmente, para os que são negros e afrodescendentes. Esta melhoria consiste no relato das experiências vividas pelos professores e alunos, assim como pela observação feita no espaço escolar. A importância da valorização da cultura africana é fundamental para os professores utilizarem, na prática, quando abordarem esse tema. É essencial ouvir os alunos, deixar que eles relatem por si suas experiências, e não dizer o que é certo ou errado, apenas trabalhar e valorizar essa questão. Eles por si só chegam as suas próprias conclusões, a uma conclusão que favoreça a raça negra, a valorização do negro no Brasil. Ao dar uma chance para essa conversa, um outro resultado virá, com uma visão menos preconceituosa. Segundo Munanga (2009), “a negritude nasce de um sentimento de frustração dos intelectuais negros por não terem encontrado no humanismo ocidental todas as dimensões de sua personalidade. Nesse sentido, é uma reação, uma defesa do perfil cultural do negro. Representa um protesto contra a atitude do europeu em querer ignorar outra realidade que não a dele”(p.63). Em suma, não temos que ignorar o movimento negro, pelo contrário, temos que nos unir a ele, em perspectiva de um mundo melhor, mais humano, sem distinção ou discriminação racial.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Andrelino de Oliveira. Afro-descendência e a superação do “velho” conceito de raça: a construção da identidade politicamente compartilhada. In: In: GONÇALVES, Maria Alice Rezende. . Educação, cultura e literatura afro-brasileira. Rio de Janeiro: Quartet: NEAB-UERJ, 2007. (Sempre Negro). 2007. p.79-108

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 36. Ed. São Paulo, Paz e Terra, 2007. 148 p.

MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. Belo Horizonte: autêntica editora.(Coleção Cultua Negra e Identidades), 2009. 93p.

QUIJANO, Anibal. O que é essa tal de raça. In: SANTOS, R.E. . Diversidade, espaço e relações étnico-raciais. Belo Horizonte: Autêntico Editora. (Coleção Cultura Negra e Identidades). 2009. p.43-51